

A MALDIÇÃO GEOECONÔMICA BRAUDELIANA EM LA GOBERNACIÓN DE POPAYÁN

Gerson G. Ledezma Meneses

Estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente, o historiador Guido Barona, professor titular da Universidade del Cauca, Popayán, Colômbia, em seu livro *La Maldición de Midas en una región del mundo colonial, Popayán 1730-1830* (Cali, Universidad del Valle e Fondo de Cultura del Cauca, 1995. 335 pp), vai-se inserindo no intrincado mundo colonial desta *Gobernación* ligada ao Vice-reino da Nova Granada. Recorrendo à teoria econômica, sem medo de lidar com os paradigmas atuais desta ciência, e à luz das conjunturas de altas e de baixas do mundo capitalista contemporâneo, trata de interpretar os ritmos do mercado pré-industrial do período colonial nesta parte da colônia espanhola: produção aurífera, fundição e meio circulante em geral; abastecimentos de artigos como a carne, o sal e o trigo, e mercadorias tão importantes para a época como os escravos. Analisa a geografia da *Gobernación*, o isolamento, os caminhos, a população indígena e as relações políticas, econômicas e sociais que fizeram das elites deste território o centro do poder diante das categorias subalternas. Pois estas elites controlaram os preços dos produtos e o meio circulante baseados em uma 'economia moral' Desta maneira, vai entretecendo a sua proposta: trata-se da conformação de uma região *sui generis*, insulada no Sudoeste da atual Colômbia, que não se inseriu no contexto da economia mundial — o autor prefere o termo braudeliano 'economia mundo'.

Pesquisando os livros de contabilidade da Real Casa de Fundição de Popayán, os registros cartoriais e as atas do *Cabildo*

(prefeitura) desta cidade, e estabelecendo um diálogo constante com uma riquíssima bibliografia que faz referência principalmente a estudos sobre o Alto Peru, o autor desenvolve suas hipóteses em quatro capítulos:

No primeiro, coloca de manifesto a importância do conceito 'economia mundo' no contexto da *Gobernación*, para pensar esta parte do Vice-reino em termos do regional, articulada mais às suas próprias sub-regiões e às suas complexas relações de poder locais, do que à economia mundial, ou metropolitana. Desta forma, a região desenvolve os seus próprios mecanismos econômicos e não depende exclusivamente dos desígnios da Espanha

en este orden de ideas, la geografía económica y política de la Gobernación no sólo estuvo condicionada por los determinantes propios de la 'economía mundo' de la época, por los intereses locales y regionales, sino también por las características ecológicas de los territorios de la provincia y por su riqueza en metales preciosos. (p. 24)

No meio do maciço colombiano, as duas cordilheiras abruptas — entre as quais se encontram situados os vales do Patía, o de Cauca e os altiplanos de Pasto e Popayán — fizeram que a *Gobernación* não gozasse de boas comunicações com o Vice-reino da Nova Granada e com a Audiência de Quito. “De esta manera el cuadro que se va configurando es el de una enorme lentitud de la vida económica regional, contrastando a su vez las prefiguraciones que hicieron algunos personajes del siglo XVIII, sobre la riqueza de esta región” (p. 65).

No segundo capítulo, o historiador Barona Becerra contrapõe a *Gobernación* de Popayán ao Alto Peru, região onde a riqueza aurífera e a densidade demográfica são maiores. No Alto Peru, a grande produção de prata possibilitou a integração regional. Assim, a Coroa espanhola esteve ligada mais ao Vice-reino do Peru do que a Nova Granada, especialmente à *Gobernación* de Popayán. Porém,

por isso mesmo, esta teve a oportunidade de criar os seus próprios mecanismos para acabar sendo um arquipélago, uma região. Esta parte geográfica da Hispano-américa foi produtora de ouro, e este metal se impôs no imaginário das elites, norteando, desde o princípio, a conquista, a fundação das cidades, a busca de submetimento dos indígenas à *Gobernación*. Assim, as elites foram monopolizando o sistema de mineração e o uso das terras, convertendo-se em mineradores-fazendeiros. Ainda mais quando, demandando poucos serviços e mercadorias do vice-reino e da metrópole, estas elites tornaram-se autárquicas, controlando os preços e as mercadorias.

O autor analisa muito detalhadamente o papel do ouro e dos funcionários reais e particulares da Real Casa de Fundição, o teor de platina na liga com o ouro, a supressão do imposto dos *Cobos*, como uma maneira de evitar perdas pela presença da platina. Esta medida fez decair as rendas dos mineradores pobres, posto que, além de ter que desplatinizar seu ouro, passaram a pagar mais Quintos. As reformas borbônicas do século XVIII, em face do cobro dos Quintos, e a organização das Caixas Reais sacaram da circulação uma boa parte do ouro em pó, pelo alto imposto sobre este, e pela fundição em lingotes e *tejuelos* que não voltavam à circulação. Também analisa o baixo rendimento dos Quintos pela evasão fiscal e o contrabando. Por outra parte, o ouro que entrava às Caixas reais era muito pouco e se fazia “después de finalizar por lo menos una parte del ciclo productivo anual”(p. 137). Isto, ligado a outras circunstâncias, “no alentó la acumulación de capital en los sectores de mazamorreros (*garimpeiros*) y de medianos mineros”.

Na terceira parte do livro, Guido Barona aborda a problemática do papel das reformas borbônicas. Analisa a manipulação dos preços da carne pela elite como mecanismo para estabilizá-los, eliminando a concorrência com comerciantes forâneos. Aqui se

destaca o discurso moral, pois tudo se fazia em benefício dos pobres. Concluindo assim:

El control de precios se ejerció con base en la promulgación de medidas coactivas de orden extraeconómico, y no dependió de las "*leyes del mercado*" (p. 218). Tudo o que já foi anotado criou um certo clima entre a elite e as outras classes que foram dominadas por meio dos símbolos, dos gestos, das festas, dos lugares públicos, etc: "unos y otros fueron hombres y mujeres a los que no se les reconoció ninguna legitimidad social. Por ser "indígenas forasteros", "negros", libertos o libertinos, y mestizos, (hombres cuyo color de piel denotaba la impureza de su sangre por los "cuatro costados" y lo espurio de su ascendencia), se les reservó, con un criterio de exclusión, el papel de instrumentos pasivos del juego y de la correlación de poderes. A ellos no se les reconoció, ni siquiera, la posibilidad de intervenir en los precios de los productos que pesaban y expedían. (p. 253)

No quarto capítulo, em meio às conclusões, o autor diz que o destino da *Gobernación* de Popayán tem ligação não com a sua própria natureza e realidade, mas com "una geopolítica colonial que no sólo la destinó como proveedora de materias primas y metales preciosos sino como reserva del futuro: a hispanoamérica al igual que a sus mestizos, les quedó la esperanza y la postergación" (p. 289).

Terminando a leitura desta nova obra do historiador Barona Becerra, ficam algumas perguntas. Pelo espaço limitado desta resenha, limitar-me-ei apenas à questão geográfica, à *racionalidad económica* e à dominação total das elite sobre a *Gobernación*. Até que ponto foi determinante a geografia desta região quanto à insularidade das suas elites, já que a região se constituiu em "un espacio mediterraneo no obstante contar, dentro de su territorio, con el puerto de Buenaventura"? (p. 255). A resposta teria certamente de levar em conta que desde o século XIX o vale geográfico do rio Cauca é uma das regiões mais desenvolvidas — do ponto de vista

capitalista — da Colômbia, e reconhecer que o departamento de Nariño, desde o período pré-colombiano, já tinha contatos econômicos com a Amazônia, o Oceano Pacífico, e ainda mais com o império Inca. Pessoalmente, não creio que os caminhos péssimos como o de Guanacas tenha sido obstáculo à comunicação entre as elites, porque então teríamos que esquecer a sua *racionalidade econômica*, de conseguir mais rendimentos sem importar os riscos.

As elites, diante das circunstâncias adversas de comunicação, devem ter encontrado e desenvolvido mecanismos para vencer as dificuldades geográficas, porque não poderíamos explicar como elas chegaram a se fixar nestas terras, conquistar e dominar. Penso que o problema está no conteúdo dos postulados de Fernand Braudel, usados como fundamento teórico e metodológico pelo autor. François Dosse no seu livro *A História em Migalhas* (1994) mostra como, para Braudel, o mundo de Felipe II esteve designado e predestinado pela geografia. De igual maneira, para Guido Barona, o ecossistema fez configurar na *Gobernación* de Popayán uma “enorme lentitud de la vida económica regional” (p. 65), como aconteceu no Mediterrâneo onde “a geografia (foi) o meio por excelência para diminuir a velocidade da história” (citado por Dosse. 1994. p. 137). Dosse, referindo-se ao historiador francês e à longa duração, diz que esta

é, portanto, indissociável do espaço que a sustenta: ‘Para compreender a longa duração, o mais simples é ainda evocar o condicionamento geográfico’. Ao não utilizar um conceito teórico, Fernand Braudel flutua no grau descritivo das diferentes instâncias do real, em que a única coisa que se poderia afirmar é que o homem, as classes, os grupos sociais só desempenham papel insignificante. Para o resto, aplica um determinismo muitas vezes mecânico a partir das condições naturais (clima, geomorfologia) ou do estado das técnicas. Tudo se aplica como causa no seu relato”. (*Ibidem.*, 1994. p. 142)

Sem dúvida, tal como a geografia, no livro do professor Guido a economia tem um peso que vai além das estruturas políticas e culturais. A racionalidade econômica determina absolutamente tudo na *Gobernación* de Popayán. Vejamos como o autor preferiu nomear esse determinismo: *La Maldición de Midas*, que tudo o converte em ouro: "... la fantasía desbordada de los habitantes de estas regiones, que mezclaba la abundancia del mineral con representaciones míticas y animísticas, produjo un marcado desdén por todo aquello que no fuera el mineral aurífero" (p. 137). Desdém que faz que estas elites tenham um marcado controle sobre a economia sem lhes importar as questões espirituais, sociais. As festas que fizeram estavam dirigidas ao controle do poder, dos espaços, dos gestos, dos movimentos, dos símbolos. De tal maneira que ninguém escapou à presença marcante da elite e de seu poder. Controle de todos os movimentos dos 'outros' que contrariassem os seus interesses. Lugar do mundo colonial onde Foucault veria plenamente comprovada a teoria da *microfísica do poder*, onde até o direito ao imaginário teria sido monopolizado e dirigido

... habían monopolizado los cargos políticos; las funciones administrativas; la tierra; las unidades productivas a este medio de producción asociadas; las minas; los esclavos y los "indígenas"; las dignidades eclesiásticas; los ganados; los mercados; las oportunidades de fortuna y, en fin, la posibilidad de construir imaginarios. (p. 252)

Uma elite manipuladora que, tal como a apresenta o professor Guido, tinha então esquecido a sua religiosidade, os seus bons costumes, o amor ao próximo e a sua moral toda, para desprezar por completo o 'outro'. Uma cotidianidade onde as fronteiras do ser rico, pobre, branco, negro, mestiço, legítimo, ilegítimo, feio, bonito, etc, teria sido infranqueável.

O autor abordou a vida cotidiana colonial baseado no livro de Agnes Heller, *História e vida cotidiana*, e é lógico que, com base exclusiva na teoria marxista, a história dos bons e dos maus

manteve-se firme. Estudos recentes como *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, ajudam a compreender que o papel dos pobres não está em total desvantagem diante dos ricos ou 'poderosos'; até mesmo coloca o exemplo das sociedades indígenas coloniais da América que usaram as práticas impostas pelos conquistadores e/ou colonizadores para outros fins. "Eles metaforizavam a ordem dominante: fazia-na funcional em outro registro" (Certeau, 1994, p. 95). Poderia-se supor que também os escravos, mulheres, mestiços, libertos, etc encontraram fórmulas para agir no terreno do inimigo e burlar os seus desígnios. Os comerciantes forâneos tiveram certamente que desenvolver algum mecanismo para entrar na 'ilha' e vender as suas coisas, e se a elite não tinha-se costumado a usar certas mercadorias, o comerciante com certeza teria achado a maneira de criar tal necessidade. O importante para ele era vender para obter a tão apreciada moeda de ouro, ou ouro em pó. É lógico que a sociedade subalterna teria seus mecanismos para fugir do controle das elites, das suas festas, fé, religiosidade, tributos, impostos, punições, etc.

Michel de Certeau analisa táticas e estratégias dos 'fracos' quando estão no campo do 'poderoso'; a estratégia, diz,

opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (*Ibidem.*, 100-101)

Assim, a obra aqui resenhada cria nos estudiosos do período colonial do Sudoeste colombiano o interesse por dar respostas a novos interrogantes, abrindo outros horizontes no desenvolvimento

da história regional que os professores das universidades del Cauca (Popayán) e del Valle (Cali) estão fornecendo ativamente. O texto do professor Guido Barona é, sem dúvida, um aporte valioso que dá continuidade à obra da historiadora Zamira Díaz López, que já tinha explorado temas similares nos três séculos anteriores, ao tratar também da *Gobernación* de Popayán e da produção aurífera (*Oro Sociedad y Economía. El Sistema Colonial en la Gobernación de Popayán: 1533-1733*. Bogotá, Banco de la República, 1994); fazendo escola nestas universidades, junto a outros colegas como Alonso Valencia Llano, María Teresa Pérez, Francisco Zuluaga, Gonzalo Buenahora e Margarita Garrido, entre outros. E o mais importante, fazendo escola junto aos alunos e ex-alunos das mencionadas instituições por meio dos programas de graduação, especialização e mestrado. Certamente estamos interessados na projeção do Sudoeste colombiano como uma região riquíssima também em fontes para o avanço da história regional e nacional, e ainda internacional, pois a *Gobernación* de Popayán esteve localizada jurisdicionalmente, entre a Real Audiência de Quito e o Vice-reino da Nova Granada. Popayán tem hoje à disposição dos pesquisadores o Arquivo Central do Cauca e da Arquidiocese, dois dos mais importantes de Sudamérica, contendo documentos do século XVI até o XX.

(agradecimentos ao professor Dr. Jaime de Almeida pela correção do português.)

COLABORADORES DESTE NÚMERO

João Fábio Bertonha, doutorando em História Social na Universidade Estadual de Campinas.

Profª Drª Olga C. Garcia, Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

Eugênio Vargas Garcia, diplomata, Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

Prof. Dr. José Rivair Macedo, Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Estevão C. de Rezende Martins, Departamento de História da Universidade de Brasília.

Gerson G. Ledezma Meneses, doutorando em História Social na Universidade de Brasília.

Profª Drª Heliane Prudente Nunes, Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

Prof. Dr. Jörn Rüsen, Faculdade de Filosofia e História da Universidade de Bielefeld, Alemanha.

Prof. Dr. Eduardo Devés Valdés, pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Santiago do Chile.

Roberto Jimmy Hideki Yamamura, mestrando em Relações Internacionais na Universidade de Brasília.